

O *HABITUS* PROFESSORAL NA CONSTITUIÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Maria Conceição Barbosa Donencio

RESUMO

Este artigo relata considerações advindas de investigação bibliográfica e objetiva refletir sobre o *habitus professoral* na constituição da prática pedagógica dos professores. Esta reflexão possibilita compreender como a trajetória de vida dos professores influencia na constituição do ser professor. São analisados dois conceitos: *habitus*, segundo a teoria sociológica de Bourdieu; e *habitus professoral*, apreendido particularmente, em Perrenoud. O resultado deste estudo mostra que a constituição do professor não está delimitada à sua formação e fornece elementos para compreender como o *habitus professoral* está presente em suas práticas pedagógicas. Foram realizadas entrevistas com professores que afirmaram terem sido influenciados por outros mestres na escolha da profissão, na maneira de agir em sala e que, utilizam ainda hoje, dessas influências, para fazerem-se professores.

Palavras-chave: *habitus* professoral. Prática pedagógica. Ser professor.

A CONCEPÇÃO BOURDIESIANA DE *HABITUS*

Como um autor contemporâneo, Bourdieu dialogou com o pensamento sociológico de Durkheim e Weber, discordando dos dois acerca dos estudos sobre a relação entre estrutura e sociedade, sujeitos e agentes. A partir dessa crítica, Bourdieu, trouxe à discussão os termos objetivismo e subjetivismo, com o objetivo de discutir a articulação entre o ator social e a estrutura / condições objetivas, propondo a elaboração de uma nova “teoria da prática”, fundamentada no conceito de *Habitus*, recuperado da filosofia escolástica. Assim o redefine:

sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente ‘regulamentadas’ e ‘reguladas’ sem que por isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de um maestro. (BOURDIEU, 1994, p. 15)

Para Bourdieu, *Habitus* pode ser compreendido como um conjunto de valores, costumes, esquemas de pensamentos incorporados pelo indivíduo que lhe possibilitam perceber, interpretar o mundo social e, assim, orientar e regular suas práticas sociais. Ao conjunto dessas práticas o autor denominou *campo*. Cada *campo* é definido por leis próprias que determinam a entrada, a permanência ou a saída dos atores sociais que incorporam, desde cedo, as estruturas objetivas relativas ao meio em que vivem. Para Bourdieu (1983),

O campo se particulariza, pois, como um espaço onde se manifestam relações de poder, o que implica afirmar que ele se estrutura a partir da distribuição desigual de um *quantum* social que determina a posição que um agente específico ocupa em seu seio. (BOURDIEU, 1983, p.7-36.)

Na perspectiva de Bourdieu, o sistema educacional pode ser caracterizado como um *campo*, pois é constituído por instituições e agentes. Desse ponto de vista, com o conceito de *habitus*, Bourdieu coloca fim à oposição entre indivíduo e sociedade dentro da sociologia estruturalista, pois o *habitus* refere-se à capacidade de uma determinada estrutura social ser incorporada por agentes por meio de disposições para sentir, agir e pensar e recupera a noção de sujeitos ativos como produtos de sua história em determinado campo social e de suas experiências acumuladas durante a trajetória individual. Assim, os *habitus* individuais são produtos da socialização por diferentes sistemas e em espaços distintos como a família, a escola, o trabalho, os grupos de amigos.

Por meio da “teoria da prática”, centrada no conceito de *habitus*, Bourdieu rejeita a teoria da ação como mera execução de modelo e afasta-se da imagem de ação como construção racional de uma concepção de ação pré-programada. Em *O poder simbólico*, o autor demonstra o motivo de sua proposta em superar o objetivismo, por meio do conceito de *Habitus*, articulando o domínio das estruturas ao domínio das práticas. Argumenta Bourdieu (1998):

Eu desejava pôr em evidência as capacidades “criadoras”, ativas, inventivas, do *Habitus* e do agente (que a palavra hábito não diz), embora chamando a atenção para a ideia de que este poder gerador não é o de um espírito universal, de uma natureza [...] _ o *Habitus*, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também, um haver, um capital, o *Habitus*, a *Lexis*, indica a disposição: incorporada, quase postural _, mas sim o de um agente em ação: tratava-se de chamar a atenção para o primado da razão prática (BOURDIEU, 1998, p.61)

O HABITUS PROFESSORAL E O FAZER PEDAGÓGICO NA SALA DE AULA

O *habitus professoral* faz parte do conjunto de elementos que estruturam a epistemologia da prática pedagógica do professor em sala de aula e está diretamente relacionada com o conceito de *habitus* de Bourdieu.

As experiências, os saberes, os conhecimentos que o professor internalizou e incorporou como legítimos, ao longo de sua trajetória profissional, constituem-se em *habitus*, isto é, uma forma de ser, pensar e agir no mundo que interferem ou se acrescentam na prática professoral. Neste sentido, o autor inscreve o *habitus* como práticas exercidas social e coletivamente que configuram um determinado tipo de comportamento, suscitando crenças, valores, enfim, os pensamentos sociais que estruturam o seu “ser” social. Para Bourdieu,

cada agente, quer saiba ou não, quer queira ou não, é produtor e reproduzidor de sentido objetivo, porque suas ações e suas obras são produto de um *modus operandi* do qual ele não é o produtor e do qual ele não possui o domínio consciente; as ações encerram, pois, uma ‘intenção objetiva’ como diria a escolástica, que ultrapassa sempre as intenções conscientes (BOURDIEU, 1983, p. 72).

Para entender o ensino na sala de aula é preciso investigar as estruturas estruturadas e estruturantes desse *habitus* manifestado pelos professores e professoras. As diversas funções docentes horizontalizam o universo constitutivo do *habitus professoral* expresso, principalmente, pelos modos de ensinar e aprender, relacionar-se com os saberes e com os alunos.

Assim, o professor/ a professora forma seu *habitus* no processo de seu fazer docente, pois ele é o agente de sua prática que pode ter elementos advindos não só de sua formação, mas de suas expectativas, de suas experiências e de suas representações. Desse modo, o professor ensina de acordo com as representações interiorizadas ao longo de sua trajetória pessoal.

Levando em consideração esse conjunto de características que resulta no *habitus professoral* é importante pensar em quem é o sujeito que atua, hoje, como professor, já que a origem social, os valores, a formação familiar, a trajetória escolar e acadêmica e, principalmente, a influência de ex- professores e o capital cultural desses antigos mestres ainda servem de referência pedagógica e profissional para muitos docentes.

Portanto, para que o *habitus professoral* não caia na mera reprodução de ações passadas é necessário que os professores reelaborem suas práticas pedagógicas, invistam na carreira e, sobretudo, não percam o encantamento com a profissão. De nada adiantam as reformas estruturais se não ocorrer mudanças nas condições de trabalho e nas práticas pedagógicas. Conforme Perrenoud (1997),

é preciso admitir que, no âmbito das práticas pedagógicas, que se fala bastante da mudança, ainda que ela nem sempre surja identificada na ação pedagógica, salvo para considerar a evolução das últimas décadas, ou no máximo, nos últimos cinquenta anos. O que só dá crédito à tese de uma gênese do *habitus* como interiorização dos constrangimentos objetivos. Pois se é verdade que houve reformas nas estruturas escolares ao nível do sistema, da organização do ensino secundário, por outro lado, não se pode ignorar que as condições de trabalho na sala de aula pouco se alteraram. Nota-se que houve um aperfeiçoamento de equipamentos, uma diminuição progressiva de efectivos, uma flexibilidade relativa dos planos de estudos e das directivas metodológicas, a modernização de curriculum. Mas são apenas variações - muito lentas, aliás - num esquema de base onde não se verificam mudanças!... (PERRENOUD, 1997, p.42).

Destarte, para Perrenoud (1997), mudar as práticas pedagógicas, implica também em mudança de *habitus*, é mais importante observar o *habitus* do professor do que seu repertório de técnicas e esquemas explícito na ação. “Isto faz com que se preste, sem dúvida, mais atenção ao

habitus do professor do que ao seu repertório de técnicas e esquemas explícitos de ação” (PERRENOUD, 1997, p.41).

É certo que existe uma semelhança entre a lógica da experiência e a noção de *habitus*, pode-se dizer até que uma não existe sem a outra, visto que o *habitus* é a essência da experiência, e vice-versa. Logo, acredita-se que *habitus* e experiência sejam dois conceitos fundamentais aos estudos sobre o lugar da teoria e da prática na formação e atuação do professor/a.

Há de se pensar que a sala de aula é o lugar onde o professor/a manifesta suas concepções, seus valores, suas crenças, demonstra seus saberes informais e acadêmicos por meio do *habitus*. Neste sentido, o *habitus professoral* resulta também da atividade cotidiana do professor / da professora no espaço escolar, na sua relação pedagógica com os alunos, com os funcionários, os coordenadores, os gestores e também com outros professores, porque a escola é um campo constituído de diferentes agentes sociais e com diferentes *habitus*. “Desse modo, o *habitus* pode-se construir não em círculo fechado, mas à medida de uma interação entre a experiência, a tomada de consciência, a discussão, o envolvimento em novas situações.” (PERRENOUD, 1997, p. 109).

Pensando que para Bourdieu, a noção de campo representa um espaço simbólico no qual as lutas dos agentes determinam, validam e legitimam representações, a relação prática, *habitus*, campo e agentes sociais pode ser perfeita e metaforicamente aludida aos papéis da escola, do professor e suas práticas pedagógicas, uma vez que a escola consiste em um espaço dinâmico onde ocorrem as relações e lutas entre os indivíduos, grupos e estruturas sociais, animada pelas disputas ocorridas em seu interior. “Para que um campo funcione é preciso que haja lutas, ou seja, indivíduos que estejam motivados a jogar o jogo, dotados de *habitus* implicando o conhecimento e o reconhecimento das leis imanentes do jogo” (BOURDIEU, 1980, p. 89).

O HABITUS PROFESSORAL E O FAZER - SE PROFESSOR

A articulação entre *habitus* e prática docente também foi objeto de reflexão de Perrenoud (1997), embora em abordagem diferente de Bourdieu. Para Perrenoud, os professores formadores de futuros professores, deveriam se preocupar menos com os conteúdos a serem ensinados e mais com os *habitus* que os professores trazem internalizados em seu perfil docente.

Tendo em vista os conceitos de *habitus* e de *habitus professoral*, julgou-se importante ouvir alguns professores para analisar como o *habitus* se manifesta no fazer-se professor. Para tanto, foram realizadas entrevistas com cinco professores, nas quais se buscou evidências que pudessem mostrar o quê, na prática docente, contribui para a produção do *habitus*.

Foram entrevistados cinco professores: Magno Alves Ferreira, 50 anos, graduado em Matemática, professor há 29 anos; Matheus Moreira, 30 anos, graduado em Geografia, professor há 06 anos; Nicoly Araújo, 38 anos, Pedagoga; Especialização em Psicopedagogia, professora há 20 anos; Isabela Castro, 53 anos, Pedagoga, Especialização em Psicopedagogia, professora há 18 anos e Maria Antônia, 47 anos, Pedagoga, Especialista em Alfabetização, 23 anos de profissão.

Os entrevistados responderam a doze perguntas que versavam sobre a escolha da profissão, profissão dos pais, tempo de docência, características e perfil de um bom professor, como aprenderam a dar aula, além da influência de outras pessoas na profissão pela qual optou. Essas entrevistas possibilitaram, ainda que de forma inicial, refletir sobre a concepção que os entrevistados têm sobre o *habitus professoral* e a prática pedagógica de cada um.

À primeira pergunta feita *Por que optou por ser professor (a)?* os entrevistados deram respostas bem diferentes. As três mulheres, apontaram desejo de serem professoras desde criança: “Opção. Desde criança, só brincava de escolinha e tinha que ser “a professora”, não brinquei de boneca, brinquei de escolinha.” (Nicoly); “Desde de criança eu sempre quis, brincava muito de ser professora, e continuei... e já sou professora há 24 anos” (Maria Antônia); “18 anos sou professora.... Eu escolhi ... ser professora por gostar de ensinar” (Isabela).

Dos dois professores entrevistados, um afirmou que a escolha se deu por falta de opção; outro, não só por influência, mas também por ela, de seus ex-professores, destacando o modo de ser, de agir e a relação amigável que esses professores tinham com os alunos:

Por falta de opção, na época. Hoje, continuo professor por estar com idade avançada, caso contrário, teria... passaria, mudaria de secretaria. Mudaria de profissão, por insatisfação com a profissão e não pelo salário. Mais exatamente pela forma como a gente é visto na profissão pelos pais e pelo poder. 29 anos de docência. (Magno)

Sou professor há 06 anos. Eu optei por ser professor, não só por influência de outros professores, mas também por ela... professores meus... que... de certa forma, marcaram minha vida com suas práticas e... também seu jeito novo de ensinar... novo assim usando método como socioconstrutivismo... tentavam ensinar diferente. Isso no médio... no ensino médio, não na faculdade. (Matheus)

Nas falas dos entrevistados é possível perceber que na ação docente encontra-se um *habitus* entendido como o processo de incorporação de crenças, valores e percepções em relação ao modo de ser e estar professor. “O *habitus* seria mediação entre a estrutura e a prática, constituindo-se numa espécie de matriz de percepções e apreciações que orientaria suas ações nas situações posteriores” (BOURDIEU, 2004).

Nesse sentido, pode-se afirmar que duas professoras entrevistadas (Nicoly e Maria Antônia) iniciaram a incorporação de um “*habitus professoral*” na infância, quando experienciaram

vivências docentes relativas ao modo de ser professor, ora “brincando de professoras” ora com familiares (pai professor). O relato das duas professoras revela que as brincadeiras de escolinha já apontavam para um processo de incorporação de um *habitus* relativo à docência.

Partindo do pressuposto de que os saberes advindos da experiência, constituídos no exercício da prática cotidiana da sala de aula, superam os saberes que vêm da formação acadêmica, percebe-se que esses saberes experienciais incorporam-se à prática pedagógica profissional sob a forma do *habitus professoral*.

Considerando essa reflexão, foram feitas duas perguntas para analisar a presença do *habitus* na prática pedagógica dos entrevistados: *Como você aprendeu a dar aula?* e *A sua postura, como professor, foi influenciada por alguém? Por quem?*

De acordo com os professores entrevistados, eles aprenderam a dar aula, ou se fizeram professores, ao longo do exercício profissional. Quando perguntados “*Como você aprendeu a dar aula?*”, dois dos cinco entrevistados, responderam que se fizeram professores na prática, na sala de aula.

No dia a dia, na sala de aula. A teoria, a metodologia que estudei na faculdade ajudou, ajudou um pouco. Não, não... não tanto quanto a prática mesmo... a pedagógica. (Nicoly)

Na sala de aula. Na faculdade ninguém aprende a dar aula... só a prática que ensina, a vivência, o cotidiano com os alunos... e as referência e influência que alguns professores deixaram ... não como na época, de modo diferente, mas num deixa de influenciar... aqueles que marcaram nossa vida, com suas práticas e seu referencial teórico, entende? (Matheus)

No momento em que esses professores, falavam sobre a faculdade, o que aprenderam e o que esperavam aprender nela, notou-se, nos gestos, no olhar e na oscilação do discurso, certa decepção quando falavam dos cursos, da falta de aprender, na prática, a teoria estudada nas aulas, afinal, era o que eles esperavam: aprender a ser professor com quem era professor.

Um aspecto chamou atenção ao analisar a resposta dos outros três entrevistados para essa mesma pergunta. Dois, citaram a influência do pai e até mesmo de professores da faculdade, no modo como se fizeram professores, fato que já evidencia a presença do *habitus professoral*, seja pela incorporação das práticas em sala de aula, ou pela experiência docente das pessoas citadas, “Com... Eu acho que foi de tá presenciando meu pai e outras professoras também. Tive muitos professores que me serviu de exemplo.” (Maria Antônia)

Um pouco foi baseado no que meu pai fazia, a maneira que ele... na maneira que ele agia tanto dentro como fora de sala, a questão do ambiente de trabalho, então, um pouco foi baseado nele e um pouco foi no que a gente ouvia de pais de alguns alunos, então, a gente acaba assim... tentando colocar, fazer as duas coisas ao mesmo tempo, né? Encaixar as duas. Muita coisa eu aprendi na faculdade, mas a maior parte eu carreguei de experiência mesmo e de vivência, da prática. (Magno)

Outra foi a fala de Isabela: “Sozinha. Entrei na sala e fui... dando aula, num tive influência de ninguém, num... sozinha, mesmo... num inspirei em ninguém.”

Ao serem perguntados se a postura como professor /a, tinha sido influenciada por alguém, os entrevistados discorreram sobre as experiências que foram significativas e que, de uma forma ou de outra, contribuíram para desenvolver sua prática pedagógica, assinalando a que ou a quem atribuem o seu modo de ser professor ou professora. Neste aspecto, chamou atenção, novamente, a resposta de Isabela, a única entrevistada a afirmar não ter tido influência de ninguém: “Não... Ninguém num... mim influenciou, não...”.

Os outros quatro entrevistados declaram terem sido influenciados ou por professores que marcaram suas vidas ou por pessoas da família que também eram professores:

Nossa postura num deixa de sofrer influência... alguns de meus professores, não da faculdade, mas principalmente do ensino médio, deixaram algumas marcar que a gente acaba num esquecendo e fazendo igual ou quase igual... (Matheus)

Minha postura tem um pouco das professoras que falei que me marcaram, um pouco de tudo. Tem influência da literatura? Tem. Independente da série que trabalho eu não deixo de contar uma história... eu procuro levar esse... trabalhar o imaginário... isso contribuiu?, contribuiu, essa professora deixou essa marca. Mas também, eu vim aprendendo no decorrer dos anos, em ano, em cada turma, com cada aluno. Cada ano é diferente, cada aluno é diferente, cada ano a gente aprende um pouco mais. A minha postura, eu construí, eu acho que... eu tenho certeza, eu construí isso aí com a experiência, com a vivência, o que negativo eu não aplicava novamente, o que era positivo eu repetia e aí vem. Com certeza, essa exigência que eu tenho ajuda na aprendizagem, são valores que eu trabalho, mais que conteúdo, eu trabalho com esses alunos valores de responsabilidade, de disciplina, respeito. (Nicoly)

Dois entrevistados ressaltaram a influência do pai, que foi professor, e de uma irmã que é professora:

Pelo meu pai. Ele num levava desaforo pra casa e eu mais ou menos sou assim... num levo desaforo pra casa, nem de aluno, nem de pai. Se bem que ele num queria que nenhum filho dele fosse professor, mas, no entanto, ele tem três na família e os três são mais ou menos do mesmo estilo. Minha postura em sala de aula, creio que sim... foi influência dele, e também da minha irmã que dizem até que eu pareço um pouco com ela até mesmo na maneira de dar aula. Então, essas duas pessoas me influenciaram bastante: meu pai e minha irmã. (Maria Antônia)

Ah! Eu,... muito do que eu levo pra sala de aula, até hoje eu levo espelhado no meu pai. Ele tinha... Bom... a primeira palavra a colocar é compromisso, né? Compromisso, seriedade que isso ele tinha mesmo, levava bem a sério o que ele fazia, então, isso foi que mais me incentivou a lavar isso, tanto é que a primeira experiência que eu tive na, sala de aula, eu já fui até chamado pra fora da sala receber, ouvir um comentário de uma ex- colega de serviço dele até na minha maneira de lidar com o material dentro da sala de aula, então, isso serviu muito, serviu, não, serve como exemplo. (Magno)

Os professores entrevistados, ao compararem a postura que tinham quando começaram a exercer a profissão e hoje, mostraram-se, até certo ponto, surpresos com a mudança ocorrida, fruto, segundo eles, do amadurecimento profissional advindos do conhecimento, das vivências e experiências do dia a dia na sala de aula, onde, afirmam eles, aprenderam mais do ensinaram, conforme depoimentos:

Hum... hum... Não é a mesma. Eu... eu mudei em relação... eu era mais... como que vou usar... que palavra eu vou usar... eu exigia do aluno e ponto final. Não queria saber, hoje, não... se ele não trouxe um trabalho eu já pergunto o que aconteceu? e quando eu comecei, eu queria o trabalho e não queria saber, hoje, vejo o aluno, eu olho o meio social que ele vive o social mesmo... e antes não. E aí eu que errei demais por não considerar esses aspectos. E isso é muito importante, a gente falha em achar que aquele trabalho era tudo de mais importante pra mim e hoje não é aquele trabalho, hoje é importante pra mim saber se ele almoçou pra chegar até a escola, se ele jantou ontem, se ele tem um tênis...isso influencia muito. Com certeza a professora Nicololy, de hoje, é uma professora muito melhor do que quando começou a dar aula. (Nicololy)

Mudou. Um pouco dessa mudança foi... até na maneira de tá lidando com algumas pessoas, com alunos, na maneira de tá conversando com eles e alguns funcionários também. Eu era bem mais fechado, de um tempo pra cá eu acabei me tornando assim mais ... mais aberto...mais...mais... acessível até ... até essa palavra é mais bem colocada; e um pouco também, essa mudança, ela é ...com relação a... eu vou usar a palavra sentimento, eu sei que ela não é correta, mas eu mudei até o meu sentimento com relação àquilo que eu fazia quando eu comecei pra agora, o que ajudou a melhorar até a aprendizagem dos alunos. (Magno)

Sim... até porque o tempo passa e... a forma de ensinar, conviver com os alunos muda também... Hoje num sou ... assim... sou mais amigo ,mas num deixo de ocupar meu lugar. Ainda acho que aluno e professor tem que ser amigo, mas cada um tem seu lugar na sala. (Matheus)

Muito... num tem jeito de continuar do mesmo jeito... do tempo que eu comecei a dar aula, minha postura mudou muito... num acho que foi pra melhor, não... os alunos mudaram muito... tá assim muito desinteressado. (Isabela)

Sim. Conhecimento, né? Porque eu comecei num tinha curso superior tinha só o magistério, então a gente aprendia uma didática totalmente diferente, né? Com os professores da gente, mas depois que eu fiz Pedagogia, a gente vai aprendendo outras formas de dar aula, vai vendo os professores da gente , é outra dinâmica, a gente fica mais dinâmica.Tudo mudou, porque a gente ficava muito preso em livro, né?, antes, era só o livro didático, hoje, não, a gente tem várias outras fontes pra tá olhando, a gente tem internet, a gente leva vários textos, várias brincadeiras, o lúdico mesmo, eles adoram o lúdico na sala de aula. Antes, a agente num tinha isso, mas também a gente num foi ensinado assim, né? Antes, como eu já havia dito antes, era o aluno sentado e eu em pé, tomando conta da sala, eu era o centro da sala, eu agia assim.... como aqui sou eu, sou eu quem mando e vocês obedecem, hoje não, a gente engloba o aluno em tudo que a gente vai fazer, a gente procura, né? (Maria Antônia)

As falas dos entrevistados confirmam que o tempo de docência é um dos fatores importantes que contribui para compreender a produção do *habitus professoral*. Segundo os entrevistados, a experiência não modifica só o professor como também o seu saber trabalhar. Isso

significa que a transformação das práticas passa tanto por transformar o *habitus* como por pôr à disposição do ensino novas teorias da aprendizagem ou novas receitas didáticas (PERRENOUD, 1997, p.40).

Em face dessas interpretações, pode-se inferir que o *habitus*, constituído por um conjunto de disposições para a ação, é a história incorporada, inscrita no modo de pensar e também no corpo, nos gestos, nos modos de falar e agir. Dessa forma, pode-se conceituar o *habitus professoral* como um conjunto de valores, crenças, concepções que orientam a prática docente e que refletem as características da realidade em que o professor foi socializado.

Deste modo, o *habitus* pode-se constituir “não em circuito fechado, mas à medida de uma interação entre a experiência, a tomada de consciência, a discussão, o envolvimento em novas situações” (PERRENOUD, 1997, p.109)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fundamentado nas perspectivas sociológicas de Bourdieu, em especial no conceito de *habitus*, e de Perrenoud, sobre as relações entre o *habitus* e a prática pedagógica, este artigo procurou fazer uma análise sobre o *habitus* professoral na constituição das práticas pedagógicas de professores. Considerando o conceito de *habitus* como referência para analisar e comparar as entrevistas, pode-se ao término deste trabalho, considerar que a prática pedagógica dos professores é permeada pelo *habitus professoral*.

Considerando o conceito de *habitus* como disposições duráveis funcionando como princípios inconscientes de ação, percepção e reflexão e gerando práticas que podem ser objetivamente reguladas e regulares sem ser produto de obediência de regras (BOURDIEU, 1994, p. 15), vale dizer que as experiências, os saberes e os conhecimentos que os professores internalizam e incorporam como legítimos construídos ao longo de sua trajetória docente constituem-se em *habitus*, ou seja, em uma forma do professor ser, pensar e agir no mundo e na sua prática profissional.

Com base nas reflexões apresentadas, evidencia-se que o *habitus professoral* faz parte do conjunto de elementos que estruturam a epistemologia da prática desses professores, revelando-se, sobretudo, nos modos de ser e agir dos professores e professoras, desenvolvidos não durante a formação, mas no exercício profissional. “As formações profissionais baseiam-se um esquema simples: fornecer uma competência para agir na prática” (PERRENOUD, 1997, p.105).

Vale destacar que se considerou o *habitus professoral* o objeto desse estudo com intenção de analisar como cada entrevistado se fez professor/a, ou seja, como os professores aprenderam o

exercício docente. De acordo com os entrevistados, esse “modo de ser e de se fazer professor” foi construído ao longo da atividade profissional, isto é, dentro da sala de aula, sendo professor, vivendo as situações reais.

Essa visão ficou bem evidenciada na fala de dois professores entrevistados, quando foi perguntado se para eles: *Você julga que ser professor (a) é uma vocação?*

O professor pode não nascer professor. Se ele quiser ele se faz professor. Ele se faz porque eu me tornei professor na profissão, só que não era essa a profissão que eu queria escolher, se na época eu tivesse opção de escolha, eu não teria escolhido essa profissão, não pelo salário, volto a repetir que não pelo salário, mas se eu pudesse, na época, optar por outra profissão, eu tinha optado. Tudo bem, agente carrega um dom, mas na minha opinião, só falar que meu filho nasceu pra ser professor, eu não concordo. (Magno)

Não... Vocação, não... acho que até tem que rever isso porque vocação pode aparecer em outras profissões... é mais a familiaridade com o curso, as afinidades com o conteúdo, e até mesmo a influência de outros profissionais da área, mas vocação num concordo não. (Matheus)

Diante do exposto, pode concluir que a visão dos professores, reafirma o que foi declarado pelos outros participantes deste trabalho: aprenderam ser professor na prática, como o primeiro salienta que se fez professor na profissão. Os dois concordam que para ser professor não é preciso “nascer professor”, não é vocação, portanto, qualquer um pode sê-lo ou transformar-se em um.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDINO, José Maria; LIMA, Vivian Cirino de. HABITUS PROFESSORAL DA DOCÊNCIA TECNOLÓGICA - **Revista de Humanidades, Tecnologia e Cultura** ISSN 2238-3948. [www.fatecbauru.edu.br/.../artigos/15-%A6 HABILITUS...](http://www.fatecbauru.edu.br/.../artigos/15-%A6%20HABITUS...) Acesso em 28/04/2013.

BONNEWITZ, P. **Primeiras Lições sobre a Sociologia de P. Bourdieu**. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BOURDIEU, P. Algumas propriedades do campo. *In*: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Tradução de Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 89-94.

_____. Esboço da teoria da prática. *In*: ORTIZ, Renato (Org.). Pierre Bourdieu/Sociologia. **Coleção Grandes Cientistas Sociais**. Trad. Paula Monteiro. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **Escritos sobre a Educação**. Nogueira, Maria Alice & Catani, Afrânio (orgs.). 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. Cap. III – A gênese do conceito de habitus e de campo, 1998. □

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. Um arbitrário cultural dominante. **Revista Educação: Bourdieu Pensa a Educação**, São Paulo, ano 1, 2007, p. 36-45.

PERRENOUD, P. A. **Práticas Pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. 2^a ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote Instituto de Inovação Educacional, 1997.

SILVA, Marilda da. O *habitus* professoral: o objeto dos estudos sobre o ato de ensinar na sala de aula . **Revista Brasileira de Educação**, n. 29, maio-ago, 2005, p. 152-163, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação Brasil. Acesso em 10/02/2013.